



Fundado no Sesquicentenário da
Batalha do Seival

O GAÚCHO

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DO
INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL

BICENTENÁRIO DO CONDE DE PORTO ALEGRE

Ano 2004 – Especial: O Conde de Porto Alegre – Nº 23

Bicentenário do Conde de Porto Alegre

Carmen Lúcia Ferreira da Silva

Manoel Marques de Souza III, Conde de Porto Alegre, nasceu em 13 de junho de 1804, na cidade de Rio Grande. De descendência fidalga, portuguesa e guerreira, teve a guiar seus passos o exemplo do pai e do avô.

Segundo Castilhos Goycochêa, na obra Condado de Porto Alegre, “O avô do conde, pai do segundo Manoel Marques de Souza, foi o tenente-general do mesmo nome, que figura com relevo em todas as páginas da História no período acidentado que foi da fundação do Rio Grande do Sul de São Pedro até a Independência do Brasil e de Portugal. Nascido igualmente como o filho e o neto, no antigo presídio Jesus-Maria-José em 1743, é cedo envolvido nos fluxos e refluxos das duas ondas humanas que se entestavam desde Santa Catarina até a Colônia do Santíssimo Sacramento”. Comandante por mais de 25 anos das fronteiras do Rio Grande durante quatro guerras, o avô foi governador da capitania do Rio Grande do Sul, tendo falecido em abril de 1822, antes de realizar o seu maior sonho – a Independência do Brasil.

Continuou Goycochêa: “O segundo, o pai, é aquele Brigadeiro Manoel Marques de Souza, morto nas cercanias de Montevidéu a 21 de novembro de 1824, quando contava apenas 44 anos de idade, e que fora o

herói das vitórias sobre Frutuoso Rivera no Passo de Chafalote e em Índia Muerta”. Ao morrer, o pai do Conde estava de posse do decreto imperial nomeando-o para o comando em chefe do Exército em operações na Cisplatina.

O livro “Conde de Porto Alegre”, de Carlos Maul, Paranhos Antunes e Jaime Ribeiro da Graça, edição da Bibliex, apresentou, através “das notas recolhidas por um cronista antigo dos mais autorizados pelo conhecimento do meio e dos fatos, Alfredo F. Rodrigues, o material para a reconstituição de um



quadro emocionante, o da partida daquele menino predestinado para a sua primeira campanha em terras de gente adversa. Na sala rústica da estância o garoto toma atitudes marciais. A mãe assusta-se. E o avô, em preparativos para um recontro (peleja, combate) iminente, mira-o comovido.

– Leva-me contigo, vovô! Exclama o pequeno, com a convicção de que será atendido.

Manoel Marques de Souza, o primeiro, na sua indumentária garrida de tenente-general, acha graça daquele entusiasmo. O fedelho insiste, e fica à espera de uma solução, entre os olhares aflitos da progenitora e os olhares de vaidosa ternura daquele velho de pele curtida pelos rudes ventos do pampa.

– És muito novinho... Como levar-te na minha garupa? Vais atrapalhar-me... É perigoso... Podes morrer... Não imaginas o que é uma guerra...

O Tenente-General contempla aquela figurinha a fingir-se de máscula, e revê nela a sua filúcia (amor-próprio), os estos de seu sangue, os seus movimentos audazes. Tem diante de si o espelho mágico que lhe mostra na face polida a sua própria juventude audaciosa. Ele também sentira os mesmos impulsos ao ver partirem os de seu tempo para os entrechoques platinos. Quisera acompanhá-los, mas ninguém o atendeu e ele sofrera com isso. Um relâmpago de orgulho ilumina-lhe a fisionomia taciturna, pensa que há no peito do menino um coração igual ao seu, a bater em harmonia com o seu coração de dominador das coxilhas. Decide-se então a conduzir a carga preciosa, a ter, bem perto de si, nas horas graves e dramáticas, o fruto da sua raça que lhe não desmerece os antecedentes, antes promete elevar bem alto a glória de seu apelido.

– Está bem... vais comigo...

Manoel tem doze anos. Participará das correrias perto de Jaguarão, e alguns meses mais tarde já é cadete num Regimento de Cavalaria Ligeira da Divisão de Voluntários Reais.”

Começou assim a trajetória de um dos maiores heróis da Pátria.

Primeiras batalhas do jovem oficial

Nos postos iniciais, Marques de Souza III serviu com bravura nos combates das forças brasileiras na banda Oriental, como ajudante de ordens do Tenente-General Lecór, Visconde de Laguna. Terminada a guerra com a incorporação da “Banda Oriental”, que passou a denominar-se “Província Cisplatina”, o jovem alferes permaneceu em Montevidéu até a proclamação da Independência do Brasil. Em dezembro de 1822, embarcou para o Rio de Janeiro, cumprindo a honrosa missão de representar o exército do sul nos cumprimentos ao imperador D. Pedro I pela sua elevação ao trono. Regressou ao sul, continuando a exercer o cargo de ajudante de campo do visconde de Laguna, que sustentava o sítio de Montevidéu, praça ocupada pelas tropas portuguesas do general D. Álvaro da Costa, contrárias à Independência do Brasil.

Nesta segunda campanha, Marques de Souza distinguiu-se no combate de 18 de maio de 1823, em Las Piedras, ao lado do pai. Depois da capitulação de D. Álvaro, foi promovido a tenente para o Estado-Maior do Exército, em fins de 1824. Seguiu para a corte onde, no início do ano seguinte, matriculou-se na academia militar.

A revolução dos “treinta y tres” interrompeu seus estudos e o tenente Marques de Souza passou a servir sob as ordens do brigadeiro comandante da 1ª divisão, Sebastião Barreto Pereira Pinto, primeiro a investir contra o inimigo na célebre batalha de Ituzaingó, também conhecida como Passo do Rosário.

Líder da retomada de Porto Alegre aos farroupilhas

Marques de Souza, no posto de major, reapareceu com brilho no cenário da Revolução Farroupilha, irrompida em 1835, sempre fiel ao lema de seus antepassados e a serviço da legalidade. Quando o chefe revolucionário Antônio Neto, com 600 homens, atacou Pelotas e destróçou a força comandada pelo coronel Albano de Oliveira, Marques de Souza, na liderança de 80 homens, escolheu entregar-se. No capítulo dedicado ao tema, o livro “Conde de Porto Alegre”, transcreveu o depoimento de Alfredo Ferreira

Rodrigues, historiador que reuniu o maior documentário sobre a revolução: “Vendo-se na impossibilidade de resistir a forças muito superiores tentou o major legalista ganhar tempo. Fortificou-se em um sobrado e aí procurou resistir até a volta de Albano, mas teve de capitular, entregando-se prisioneiro com garantia de vida para todos”.

E, mais adiante, “Os prisioneiros foram conduzidos para Porto Alegre, sendo Marques de Souza recolhido à “presiganga”, espécie de pontão flutuante, servindo de prisão, não sem antes ter assistido em caminho à execução de Albano...” E prossegue o relato do livro “Ali, naquela prisão úmida e pouco higiênica, adquiriu Marques de Souza pertinaz reumatismo articular que muito o supliciou pelo resto da vida. Mesmo assim, o audacioso major começou a conspirar com seus companheiros, conseguindo interessar alguns homens da guarda, por meio dos quais fez ligação com outros chefes influentes da capital. Isto resultou numa contra-revolução, chefiada por Marques de Souza, que rapidamente se apoderou de Porto Alegre, a 15 de junho de 1836, sendo presos os farroupilhas.”

O historiador Rodrigues escreveu: “Na praça restaurada tudo era agitação. Apressadamente se construíram trincheiras de madeira, no meio de constantes sobressaltos da população. De fato, Bento Manoel não podia acudir com presteza, por estar perto da fronteira. Do Rio Grande não podiam chegar socorros, pois a entrada do Guaíba estava defendida pelos fortes de Itapuã e da ilha do Junco, em poder dos Farrapos. A todos dava ânimo Manoel Marques de Souza, nomeado major da praça. Aparecia em todos os pontos a todos os instantes, risonho, animador e confiado em suas próprias forças e nos exíguos recursos da cidade.”

Em consideração à reconquista de Porto Alegre, o Governo Imperial deu à capital gaúcha, em decreto especial, o título de *muito leal e valorosa* e, ao herói Marques de Souza, o título de Barão de Porto Alegre.

Sem recuperar a saúde, muito abalada pelas privações sofridas a bordo da “presiganga”, e pelas emoções vividas ao restaurar a ordem legal em Porto Alegre, requereu licença para tratamento, seguindo para a Europa no começo de 1837.

Emissário de Caxias e negociador da Paz Farroupilha

Realizadas as conferências, visando por fim à Revolução Farroupilha, o Coronel Manoel Marques de Souza e o Capitão Carlos Miguel de Lima e Silva receberam do Comandante-em-Chefe das Forças Legais, Caxias, a missão de acompanhar o farroupilha Antonio Vicente da Fontoura à corte. Lá, como oficial superior, Marques de Souza deveria promover o encontro com os ministros diretamente responsáveis pela pacificação, especialmente os do Império, Justiça e Guerra. Ao mesmo tempo, o irmão de Caxias, capitão Carlos, procuraria a influência do pai, o ex-regente, Marechal Francisco de Lima e Silva, junto aos grandes da Corte.

A audiência aconteceu no dia seguinte à chegada ao Rio, em 13 de dezembro de 1844. Fontoura relatou em seu Diário que os ministros José Carlos Pereira de Almeida Torres, Manoel Antônio Galvão e Jerônimo Francisco Coelho mostraram-se orgulhosos e presunçosos, dizendo com frases pouco amáveis que o governo imperial nada cederia. Indignado, Fontoura quis voltar, mas o Coronel Marques de Souza buscou o entendimento e conseguiu marcar nova reunião para 16 de dezembro. Além dos citados, compareceram os ministros Holanda Cavalcanti de Albuquerque, da Marinha, Ernesto Ferreira França, dos Estrangeiros, e Manoel Alves Branco, da Fazenda; desta vez, o Gabinete completo. O encontro foi cordial e nele foram aceitas quase todas as proposições do emissário Farroupilha.

A 18 de dezembro, foi assinado o decreto, acompanhado das instruções que deviam regular a pacificação do Rio Grande, bastante honrosas para os Farrapos. De volta ao Quartel General, em Piratini, Marques de Souza comunicou o resultado da viagem ao Barão de Caxias que ficou satisfeito. Ao mesmo tempo, Fontoura deu ciência ao governo republicano das condições que obtivera para o término da luta,

entre elas, o reconhecimento dos postos conferidos pelos Farrapos até coronel, o pagamento da dívida da revolução, a liberdade dos escravos nela envolvidos e anistia plena.

Mas a paz só foi assinada a 1º de março de 1845, com o lançamento de duas proclamações, uma de Caxias e outra de Canabarro. Ainda na antevéspera do dia 1º, o Coronel Manoel Marques de Souza precisou correr ao acampamento de Fontoura para apressar o pronunciamento dos chefes Farrroupilhas, porque o Barão de Caxias estava desconfiado da demora. Então, após dez anos de luta sangrenta, a paz voltou ao Rio Grande do Sul, e isto se deveu em parte à vontade e rapidez com que agiu o futuro Conde de Porto Alegre, fazendo uma viagem ao Rio de Janeiro em apenas 30 dias, e ali, em uma semana, de 12 a 19 de dezembro, conseguindo as entrevistas e os acordos necessários com os altos dignatários do governo para que o delegado Farrroupilha pudesse expor as suas propostas.

Grande herói de Monte Caseros

Em dezembro de 1851, a 1ª divisão do Exército Brasileiro, com 4.200 homens das três armas, sob o comando do Brigadeiro Manoel Marques de Souza III, incorporou-se às tropas aliadas (Argentina, Brasil, Uruguai) lideradas pelo General Justo Urquiza, e partiu da Colônia do Sacramento na campanha de Buenos Aires contra o ditador Juan Manuel de Rosas. No dia 17, a divisão brasileira esteve enfrentando as posições fortificadas de Tonelero, nos pontos altos da margem do Paraná, e abriu a via fluvial de apoio das operações. O combate final aconteceu em 3 de fevereiro de 1852, quando Rosas pessoalmente assumiu o comando das suas tropas para impedir a entrada do “Exército Grande da América do Sul” em Buenos Aires. A principal e definitiva batalha aconteceu em Monte Caseros.

Em “Sesquicentenário da Batalha de Monte Caseros”, o coronel Luiz Ernani Caminha Giorgis, delegado da AHIMTB/RS, expôs os acontecimentos: “A Batalha começou às seis horas com troca de tiros de armas leves. O 2º RC foi lançado pela esquerda para chamar a atenção do inimigo, enquanto a direita transpunha o Arroio Morón. Rosas resistiu a esse primeiro golpe. Em seguida, os Aliados fizeram o centro e a direita girarem sobre o próprio flanco direito e a DB atacou o centro de Rosas enquanto a nossa direita atacava a esquerda inimiga. Nesta hora houve um retardamento do avanço da infantaria uruguaia e o Brigadeiro Marques de Souza manda a 1ª Bda Inf reforçar, mas esta acaba ultrapassando os orientais e conquistando a posição inimiga. Enquanto isso, a 2ª Bda Inf atacava pela frente e colocava os argentinos em fuga. O centro foi rompido às 11 horas. O 1º RACav (O Boi de Botas) bateu a Art de Rosas e sob a sua proteção os prussianos e caçadores brasileiros expulsaram à baioneta os argentinos e tomaram as sotéias. Osório ainda fez uma carga com o seu Regimento, venceu os argentinos e arrebatou uma Bandeira de Rosas”.

A batalha de Caseros terminou à uma hora da tarde, terminando com a longa ditadura do General Rosas. O Exército Aliado entrou triunfal em Buenos Aires a 18 de fevereiro. Desse exército fazia parte uma divisão de 4.000 brasileiros comandados por Marques de Souza III, que ficou emocionado com as manifestações do povo, dando vivas ao Libertador.

Rendição de Estigarribia e Libertação de Uruguaiana

O General Barão de Porto Alegre, por causa dos seus sofrimentos físicos de caráter crônico, solicitou e obteve a reforma militar, em 7 de julho de 1856, passando a se dedicar à carreira política. Depois que o ditador do Paraguai Solano Lopez declarou guerra ao Brasil e invadiu Mato-Grosso em 26 de dezembro de 1864 e o Rio Grande do Sul em 10 de junho de 1865, o Barão de Porto Alegre colocou-se à disposição do governo. Assim, por decreto de 21 de julho de 1865 foi nomeado comandante em chefe do exército em operações no Rio Grande do Sul.

A vila de Uruguaiana, invadida por Antônio Estigarribia, ficou sitiada. O invasor recebeu e não cumpriu várias intimações para se render, em agosto e em setembro, dos diversos chefes aliados. No acampamento diante de Uruguaiana estavam o imperador Pedro II e sua comitiva, com o Conde D'Eu,

Duque de Saxe, ministro do Exército Ferraz, Tamandaré e Caxias, e ainda os presidentes da Argentina Mitre e do Uruguai, Flores. Ao chegar, o General Visconde de Porto Alegre assumiu o comando em chefe do Exército Brasileiro.

Pela manhã de 18 de setembro as tropas aliadas tomaram posição em frente às trincheiras dos sitiados; e o comandante enviou a última intimação a Estigarribia:

“A prolongação do rigoroso sítio em que se acham as forças sob o comando de V. S. deverá por certo tê-lo convencido de que sentimentos meramente humanitários retêm os exércitos aliados em operações nesta província ante o ponto do território que V. S. ocupa. Estes sentimentos que nos animam e que sempre nos dominaram, qualquer que seja o resultado da guerra, me obrigam a ponderar a V. S. que semelhante a posição e estado de cousas deve ter um paradeiro, e, em nome do imperador e dos chefes aliados, anuncio a V. S. que dentro do prazo de duas horas nossas operações vão começar. Toda a proposição que V. S. fizer, que não seja a de renderem-se as forças do seu comando sem condições, não será aceita, visto que V. S. repeliu as mais honrosas que lhe foram pelas forças aliadas oferecidas. Qualquer que seja, pois, a sua resolução, deve V. S. esperar da nossa generosidade o tratamento consentâneo com as regras admitidas pelas nações civilizadas. – Deus guarde a V. S. – Acampamento junto aos muros de Uruguaiana, 18 de setembro de 1865. – Barão de Porto Alegre, tenente-general – Ao Snr. Coronel Antônio Estigarribia, comandante em chefe da divisão paraguaia em operações sobre o rio Uruguai, sitiada em Uruguaiana!”

Estigarribia ainda colocou condições para a rendição, que foram aceitas, exceto, as que os oficiais saíssem da praça com as armas e que pudessem voltar ao território paraguaio enquanto durasse a campanha.

No dia seguinte, o exército tomou conhecimento de duas proclamações:

“Soldados! O território desta província acha-se livre graças à simples atitude das forças brasileiras e aliadas. Os inimigos renderam-se; mas não está terminada a nossa tarefa. A honra e a dignidade nacional não foram de todo vingadas; parte da província de Mato Grosso e do território da república Argentina jazem ainda em poder do nosso inimigo. Avante, pois, que a Divina Providência e a Justiça da causa que defendemos, coroarão os nossos esforços. – D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor perpétuo do Brasil. – Ângelo Muniz da Silva Ferraz.”

E a famosa ORDEM DO DIA NÚMERO 13:

“Soldados do império brasileiro em operações nesta província!

“Guerreiros do exército aliado no Rio Grande do Sul!

“Companheiros na vindita da honra nacional das três potências Sul-Americanas!

“A divisão paraguaia em operações sobre o rio Uruguai, a guarnição da Uruguaiana à vossa presença depôs as armas sem ter disparado um tiro.

“À frente de vossas armas, ante o vulto augusto de SUA MAJESTADE O IMPERADOR; em presença do exmo. Snr. Ministro da guerra, dos augustos príncipes e da corte, viste desfilar ontem, desarmados, às 4 horas da tarde, 7 regimentos de infantaria e um corpo de cavalaria do exército paraguaio!

“Vossos fuzis e vossas lanças estavam descansados; vossos canhões não anunciavam um combate de sangue, quando os hinos da tríplice aliança proclamavam a esplêndida vitória da civilização contra o vandalismo.

“Soldados da liberdade!

“Em nome do imperador, o general em chefe do exército imperial vos saúda, e vos conjura que respeiteis a desgraça do inimigo vencido.

“O general em chefe agradece a dedicação de cada um de vos, como o entusiasmo de todos; esperando poder ainda uma vez orgulhar-se de haver-se achado à vossa frente – Barão de Porto Alegre.”

Vencedor de Curuzú

Após a rendição de Uruguaiana, as forças terrestres brasileiras ficaram constituídas por dois Corpos de Exército. O Primeiro, às ordens de Osório e, o Segundo, do Visconde de Porto Alegre, que em 15 de maio de 1866, teve autorizada a sua licença de afastamento da Câmara dos Deputados para continuar no comando e entrar em solo paraguaio.

A obra Conde de Porto Alegre reproduz a tomada de Curuzú, em 3 de setembro de 1866, liderada pelo Visconde: “Ao clarear do dia, manda formar a infantaria em massa, à retaguarda e esquerda da bateria de 6 bocas de fogo do regimento provisório, aproveitando-se das ondulações do terreno, e cobrindo-lhe de modo conveniente a frente e esquerda pelos atiradores que se apoiavam por este flanco no rio e pela direita em cerca de 3.500 homens de cavalaria, que se achavam a pé, e 200 da brigada ligeira (montada). Dado o sinal de fogo este é feito com verdadeiro entusiasmo pelos nossos artilheiros sendo, porém energicamente respondido pelos canhões inimigos, apesar dos estragos que sofrem do canhoneiro da esquadra”.

Logo, foi ordenado o assalto: “Em poucos minutos os nossos, cobertos por uma chuva de ferro e chumbo que não lhes embarga o passo, vencem o fosso e galgam o parapeito, onde a luta se torna quase pessoal, com artilheiros e infantes inimigos”.

A vitória nesse dia foi alcançada exclusivamente pelos brasileiros.

A retirada em Curupaiti

Após a vitória em Curuzú, foi realizada a célebre conferência de Yataity-Corá, que não firmou a paz, mas proporcionou ao ditador paraguaio tempo para fortificar a posição que ocupava em Curupaiti. Além disso, uma chuva torrencial adiou o ataque marcado para o dia 17, o que ocorreu somente no dia 22, quando os aliados, comandados por Mitre foram então repelidos. O próprio general Porto Alegre, em correspondência escrita, três dias depois do malogrado ataque de Curupaití, ao amigo, coronel Tristão de Araújo Nóbrega, fez detalhada descrição da situação, das alterações que indicou e dos acontecimentos que se seguiram: “Logo depois da tomada desta posição pedi um auxílio de quatro mil homens de infantaria, para poder prosseguir de acordo com a esquadra na execução do plano que em junta de guerra havíamos combinado, tomando Curupaití e atacando Humaitá, que estava mal guarnecida de tropas.

“Não sendo desgraçadamente satisfeito aquele meu pedido, só em 12 deste mês é que o general Mitre aqui chegou com o seu exército argentino com a força de oito a nove mil homens, e no dia seguinte uma brigada de 2000 homens de infantaria, que o Sr. General Polidoro me mandara. Como, porém, os argentinos não viessem prontos para realizar logo o ataque, tanta demora, como eu previra, dera lugar a que o inimigo desse um grande desenvolvimento ao seu entrincheiramento em Curupaití, acumulando ali mais de 50 bocas de fogo, sendo uma grande parte de grosso calibre, 68 e 32, e concentrando naquele ponto a maior parte da força do seu exército.

“na presença de meios de resistência tão poderosos, como eram aqueles a que me refiro, entendi eu que já não podia ter lugar o premeditado ataque conforme havíamos combinado, devendo sofrer uma modificação nas suas disposições, isto é, que em vez de ser simultâneo o ataque de Curupaití e o das linhas de entrincheiramento inimigo sobre o Tuiutí, onde está o 1º corpo do exército, convinha que ao ataque daquele ponto precedesse o das mencionadas linhas, para que o general Polidoro pudesse vir com o seu exército, que dista daqui menos de duas léguas, atacar pela retaguarda as fortificações de Curupaití, ao passo que nós lhe fariamos o ataque pela frente, e então seria forçado a abandonar a posição, tendo dois expedientes a tomar: concentrar suas forças em Humaitá, o que não me parece provável que fizesse, porque teriam ali a sorte das que comandava Estigarribia em Uruguaiana, ou retirar-se procurando passar o Tebicuarí, operação esta que, com os poderosos recursos de que dispomos por água, poderíamos malograr, embarcando aqui e fazendo desembarca acima daquele rio uma força tal que a impossibilitasse de tentar qualquer resistência em Assunção ou de chegar primeiro do que nós a Vila Rica”.

A mudança sugerida não foi aceita pelos outros generais em chefe, e o plano inicial foi mantido. Na mesma correspondência, o general Porto Alegre escreveu: “Prosseguindo, porém, o ataque à segunda linha da fortificação, que consistia num fosso, com um grande parapeito erigido de artilharia, tendo na sua frente um banhado muito atolado e sobre o qual haviam estabelecido abatizes (árvores derrubadas), impossível foi realizar o assalto, que às melhores tropas do mundo seria também impossível levar a efeito”.

Invencível na 2ª Batalha de Tuiuti

O Visconde de Porto Alegre, na madrugada de 3 de novembro de 1867, estava preparando o uniforme para o costumeiro passeio à cavalo pela estrada de Tuiuti e Tui-Cué. Era dia de chegada do comboio de mantimentos, desta vez desfalcado de dois fortes batalhões. Pronto para sair com seu estado-maior, o general escutou tiros. Rápido, fez voltar a bateria do 2º Corpo, colocou-se à frente dos voluntários da pátria, e expediu as ordens. Os acampamentos em silêncio estavam sendo invadidos e queimados pelos melhores homens das tropas paraguaias. Divididos em três colunas, 8.000 paraguaios buscavam o reduto central. A sangrenta luta foi contada com detalhes pelo coronel Cunha Jr, surpreendido pelo ataque:

“Aí a luta na relação de 1 para 20! Por entre o fumo que se desprende das armas, os paraguaios reconhecem o general brasileiro, o que não era difícil porque ele não abandona o seu uniforme; apontam-lhe as espingardas, e, por duas vezes, matam-lhe os cavalos. Assim, por duas vezes achou-se o bravo Porto Alegre a pé, mas sempre combatendo – A infantaria não era arma para ele conhecida, mas é que assim deixava a sua homérica figura de ser vista pelos nossos bravos soldados – Caiu o general! – disseram eles.

O grito de furor que soltaram os nossos bravos ainda deve impressionar aquelas regiões tão célebres na sempre memorável guerra do Paraguai. Impelidos por uma mola, todos os oficiais e soldados agruparam-se e cercaram o general, dispostos a venderem caro a vida, em sua defesa. O inimigo acreditou que a vitória se inclinava para o seu lado, e, vendo cair o general, supôs tê-lo morto. Num arranco desesperado, esforçou-se pra romper a nossa linha, ou antes a nossa muralha para se apossar do seu cadáver. O grande poder de Deus, que se manifesta nos lances supremos, inflamando o valor e o patriotismo dos nossos bravos, deteve-lhe o ímpeto e mudou a perspectiva do quadro. Rápido, o general cavalgou outro animal em substituição do que o inimigo matara. Acendeu-se o entusiasmo nas nossas fileiras. O inimigo, ou admirado de tanta audácia, ou para recompor as suas fileiras, recuou. Porto Alegre mandou carregar a baioneta. Obedecendo à bravura, os nossos soldados arrojaram-se como leões. Toda a linha inimiga cedeu – como cede o arco quando sobre o seu centro se atua. As suas extremidades, porém, com as sirtes (perigos) de um dilema, queriam prender o punhado de heróis que lhe disputaram a vitória”.

O fogo cessou depois do meio-dia e os batalhões brasileiros, lamentavelmente reduzidos a menos da metade, voltaram vitoriosos aos seus acampamentos. O general Porto Alegre, aos 63 anos, fez sua última batalha e no início do ano seguinte voltou ao Brasil. Não foi ferido, mas foram contados **47 furos de projéteis de infantaria** em sua farda e **dois dos seus cavalos estavam crivados de balas**.

No relato, o coronel Cunha Júnior afirmou que: “A jornada de 3 de novembro de 1867 foi uma das mais importantes das que se feriram na sempre memorável campanha do Paraguai. Foi a única talvez, em que combatemos com notável inferioridade numérica. Si o ousado plano de Lopez tivesse vingado não é lícito aventurar de que modo teria mudado a face da guerra”.

Centaurio de Luvas



Estatua do Conde de P. Alegre.

O Conde de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza III, ao falecer, em 18 de julho de 1875, no Rio de Janeiro, era Tenente-General do Exército Imperial e Conselheiro de Estado. Havia sido Ministro da Guerra por cinco dias, no Décimo Sétimo Gabinete do Segundo Império, de 24 a 30 de maio de 1862; Comandante das Armas da Província do Rio Grande do Sul em 1852 e Deputado eleito na Assembléia Geral nas décima (1856), décima-primeira (1860) e décima-quinta (1872) Legislaturas. Segundo o livro Conde de Porto Alegre, da Bibliex, "Como deputado, sempre comparecia às sessões da Assembléia Geral elegantemente vestido, com aquela distinção que foi o apanágio de sua vida. Gostava dos belos uniformes, trajava com gosto e rigor. Certa ocasião, interpelado porque aparecia assim, tão irrepreensivelmente vestido, mesmo nas sessões comuns da Câmara, respondeu com ufania: - É porque tenho a honra de representar

a Província do Rio Grande do Sul, nesta Assembléia". Ficou conhecido como "O Centauro de Luvas".

Recebeu o título nobiliárquico de Barão em três de março de 1852, Visconde em vinte e oito de agosto de 1866 e Conde em onze de abril de 1868 - todos por decreto imperial e com grandeza. O Brasão de Conde de Porto Alegre pode ser identificado pela nobre ascendência com escudos dos antepassados, com as Armas dos Sousas do Prado, Sousas Chichorros, Marques, Leitões, Azevedos e Limas.

Por seus altos méritos ganhou a Cruz de Prata das Campanhas de 1818 a 1822; o Hábito da Ordem de Cristo; as insígnias de Comendador da mesma Ordem; as insígnias de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro; o título de Dignatário da mesma Ordem; as insígnias de cavaleiro da Imperial Ordem de São Bento de Avis; a medalha de ouro da Batalha de Monte Caseros, pendente de fita azul do pescoço; a Grã-Cruz da Imperial Ordem de Cristo; a da Cisplatina; a de Uruguaiana, a de Mérito e Bravura Militar e a Geral da Campanha do Paraguai.

Em 1852, junto com Oliveira Belo, criou o Partido Liberal Progressista no Rio Grande do Sul. Homem culto, também foi um dos fundadores do Partenon Literário e do Segundo Instituto Histórico do Rio Grande do Sul. Em 1862 foi nomeado Conselheiro de Estado e Diretor do Imperial Instituto Rio Grandense de Agricultura. Pela passagem dos dez anos de sua morte, a princesa Isabel veio a Porto Alegre inaugurar, em dois de fevereiro de 1885, na Praça da Matriz, a primeira estátua da cidade. O monumento do herói foi transferido em 1910 para a Praça Conde de Porto Alegre, onde atualmente se encontra. Ele é o Patrono do Regimento Conde de Porto Alegre – o 8º RCMec de Uruguaiana, e o Patrono do município de Marques de Souza, no Rio Grande do Sul. O nome Conde de Porto Alegre também é homenageado por uma rua no bairro Floresta, e pelo Solar sede do IAB, onde morou.

Carmen Lúcia Ferreira da Silva
Jornalista
Descendente do Conde de Porto Alegre

Pela AHIMTB e IHTRGS: Cláudio Moreira Bento, Presidente e Luiz Ernani Caminha Giorgis, Vice-Presidente e Delegado para o RS. Site: www.ahimtb.org
e-mail: bentocm@resenet.com.br e lecaminha@gmail.com